

# Sylvia Plath – A Coragem de calar

A coragem da boca fechada, apesar da artilharia!  
A linha rósea e quieta, um verme, exposto ao sol.  
E há discos negros por trás, discos do ultraje,  
E o ultraje de um céu, e os riscos de seu cérebro.  
Os discos giram, querem ser ouvidos,

Carregados, como estão, de adultérios.  
Adultérios, maus-tratos, deserções e hipocrisia,  
A agulha viajando em sua ranhura,  
Fera prateada entre dois cânions escuros,  
Um grande cirurgião, um tatuador agora,

Tatuando mais e mais as mesmas tristes queixas,  
As cobras, os bebês, as tetas  
Nas sereias e garotas de sonho.  
O cirurgião está calado, não fala nada.  
Já viu muitas mortes, suas mãos estão repletas.

Assim giram os discos do cérebro, como bocas de canhão.  
E há aquela foice antiga, a língua,  
Incansável, roxa. Deve ser cortada fora?  
Tem nove caudas, é perigosa.  
E o barulho que rouba do ar, quando começa.

Não, a língua também foi deixada de lado  
Pendurada na biblioteca entre gravuras de Rangoon  
E cabeças de raposas, lontras e coelhos mortos.  
É um objeto maravilhoso –  
Quantas coisas penetrou em outros tempos!

Mas e os olhos, os olhos, os olhos?  
Espelhos matam e conversam, são quartos terríveis  
Onde a tortura prossegue e só se pode olhar.

## Sylvia Plath, Ariel